

O Pensamento Político e Social de Antero de Quental, a partir da leitura de Joel Serrão

Prof. Dr. António Martins da Costa
(Universidade Católica Portuguesa - Porto- Portugal)
amacosta@porto.ucp.pt

Resumo: Este artigo tem como objetivo essencial problematizar alguns aspetos do pensamento filosófico-político e social de Antero de Quental tendo como ponto de partida a perspectiva que Joel Serrão tem sobre esta problemática fundamental do autor em questão. Ao analisar a filosofia política e social de Antero de Quental, não podemos deixar, por isso, de ter em conta o contexto histórico-cultural em que ele viveu. Este contexto marcou de, forma indelével, o seu modo de pensar e sentir toda a problemática social e política que esta subjacente a todo o seu pensar.

Palavras-chave: Política; Social; Revolução; Liberdade; Justiça.

1. Considerações iniciais

Ainda que de forma não exaustiva, mas suficientemente esclarecedora da situação econômica, social, política e cultural, convém traçar alguns elementos que nos permitam compreender Antero no seu contexto e no seio das suas preocupações políticas e sociais.

O século XIX caracterizou-se por ser um século de grandes transformações políticas, sociais e econômicas. Antero terminado em 1865, aos vinte e três anos o curso de Direito, e "armado" definitivamente do canudo de bacharel, lançar-se-á à procura de si mesmo e da sua inserção no mundo, e este mundo é o da Revolução Industrial e do Positivismo de Augusto Comte, com todas as sequelas e consequências estruturais que deixou: houve alterações dos tradicionais ritmos de vida e de movimentações nunca antes vistas, a questão política e social tomou-se cada vez mais emergente, surgindo por isso novos modelos de liberdade e de justiça, face às enormes injustiças sociais, como a exploração dos trabalhadores, o desemprego e a miséria.

2. A emergência de criar uma sociedade mais justa, livre e igualitária.

Ainda que de uma forma não exaustiva, mas suficientemente esclarecedora da situação econômica, política, social e cultural, convém traçar alguns elementos que nos permitam compreender o pensamento anterior no seu contexto e no seio das suas preocupações.

O tempo de Antero é caracterizado por dinamismos inteiramente novos de matizes socioeconômicos, na circulação de novas ideias, e sobretudo pelas filosofias do devir de cariz marxista, proudhonianas e hegeliana, entre muitas outras.

Ao triunfo da burguesia passou-se rapidamente as enormes e monstruosas contradições do

capitalismo emergente da Revolução Industrial. O aumento e intensificação prodigioso da produção e da circulação, do regime de economia privada, característica do capitalismo industrial e financeiro, juntamente com o poder financeiro dos grandes grupos econômicos, tornou-se manifestamente superior o poder econômico ao poder político. Acresce ainda, que o desenvolvimento fez substituir o trabalho de homens por trabalho de máquinas, que reduziu enormemente os salários e produziu condições de trabalho e de vida degradantes, humilhantes, duras e desumanizantes.

É dentro deste contexto, que Marx, tao bem soube interpretar, que surgem nos meados do século XIX, os ideais comunitários e de socialismo utópico de Saint-Simon, Fourier, Proudhon, entre muitos outros. Foi também a partir da revolução de Paris em 1848, que os ideais socialistas se infiltraram em Portugal, já quando a França e a Inglaterra tinham alcançado todo o progresso material que o triunfo do capitalismo arrastou consigo e que em 1871 assumiu particular pertinência, visto que foi marcante na história social portuguesa. A partir daí, iniciar-se-á o movimento operário e a sua ligação ao movimento proletário internacional, sobretudo na Segunda metade do século XIX, 1870, que surge a ideia de decadência, que representava o atraso social, econômico, político e cultural, de Portugal em relação ao resto da Europa. Antero de Quental, pensa por isso, que o desenvolvimento cultural, científico, político e social, obrigava a abrir as portas a Europa. Havia que criar condições sociais para que fosse possível o desenvolvimento cultural e ideológico.

Foi esta transformação que Antero quis realizar dizendo no fim do opúsculo, *Causas da decadência dos povos peninsulares* que, "o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo. A Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderna" (QUENTAL, 1979, p. 69).

É nas *Odes Modernas*, publicadas em 1865 mas já concluídas em 1863, que se vislumbra e prefigura o pensamento político e social de Antero.

A emergência de criar uma sociedade mais justa, mais livre e mais igualitária está bem presente em toda a sua poesia, inclusive nos sonetos, onde também já se percebe as influências das teses socialistas proudhonianas. Diz Antero:

O Evangelho novo é a bíblia da igualdade:
Justiça, é esse o tema imenso do sermão:
A missa nova, esse é a missa da liberdade:
E Órgão a acompanhar... a voz da revolução
(QUENTAL, 1983, p. 125)

Hino à Razão
Razão, irmã do Amor e da Justiça,
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

(QUENTAL, 1983, p. 99)

Justitia Mater

Há mais alta missão, mais alta glória:
O Combater, a grande luz da história,
Os Combates eternos da Justiça.

(QUENTAL, 1983, p. 96)

A partir destes poemas podemos compreender melhor a ideia fundamental que defendem muitos pensadores de Antero, e o próprio Antero, não sem razão, que, o melhor da sua filosofia esteja na sua poesia; embora Antero tivesse dito que iria abandonar a poesia, para se dedicar à sua filosofia, mas este é outro problema, que não cabe neste ensaio. Assim, a poesia, não é só a expressão do sentimento mas está também ao serviço da transformação social. A poesia moderna de Antero é agora a *Voz da Revolução*, prosseguindo os ideais de justiça e de liberdade, da evolução da humanidade, tão caros à Revolução Francesa. Aparece na poesia e depois na prosa uma espécie de "Filosofia de Combate" (ROCHA, 1991, p. 351) em que Antero aparece na dupla qualidade de poeta e doutrinador. Para Antero a poesia é a confissão sincera do pensamento mais íntimo de uma idade; isto mesmo se pode sentir e perceber nos poemas que se seguem:

O novo mundo é todo ulna alma nova,
Um homem novo, um Deus desconhecido!;
(QUENTAL, 1983, p. 116)

Tronos, tiaras, ceptros, protestante
Que pesam na balança da verdade?
(*Ibidem*, p. 134)

E a Revolução! A mão que parte
Coroas e tiaras!
É a luz! a Razão! E a justiça!
É o olho da verdade!
(*Ibidem*, p. 145)

3. A questão da revolução e do Socialismo

Deste modo, é importante analisar o conceito de Revolução e de Socialismo em Antero, para assim se perceber melhor o seu significado e alcance no contexto do seu pensamento social e político.

Antero, começando por responder à questão *O que é o socialismo*, explica que,

tendo embora origem que remontam a Pitágoras, Platão, a Cristo e aos Gracos, etc., no século XIX, ele radica no conflito entre o trabalho e o capital e nas injustiças que daí resultam ao «povo proletário» devido ao salariedade que resume em si todas as injustiças, todas as opressões, todas as misérias da sociedade atual (SERRÃO, 1989, p. 97).

Antero defende, por isso, o valor ético do trabalho e do capital, a redistribuição da riqueza apagando de uma vez todas da face da terra a odiosa divisão de classes fundindo-as todas numa só, de trabalhadores livres e iguais onde não haja ricos e pobres, senhores e servos, governantes e governados, capitalistas e operários, mas todos os homens, debaixo do mesmo céu, e em face do trabalho justo e digno. Penso ser este o objetivo do pequeno opúsculo, *O Que É a internacional?*, escrito em 1871, e que se dividia em três capítulos; *O socialismo Contemporâneo*; *O programa da Internacional*, *Organização da Internacional*, e a conclusão. O objetivo aqui era o de estabelecer o reino da justiça, onde de *faz* distinguir o que é a "propriedade individual" da "propriedade coletiva", para dar a cada um o que é seu. O chamado coletivismo de Antero, no dizer de Joel Serrão, não é mais que um associacionismo entre todas as pessoas, para que fosse possível criar uma sociedade mais justa e livre: uma espécie de justiça universal. O Socialismo de Antero poder-se-ia dizer "anarquista" na medida em que ele próprio, e segundo António Sérgio, desejavam "uma organização socialista e muito principalmente socialista anarquista" (SERRÃO, 1989, p.100).

Contudo, esse socialismo não é propriamente revolucionário, ou seja, um socialismo que exija a luta de classes no sentido marxista do termo, bem pelo contrário. O programa político das classes trabalhadoras, segundo o socialismo, cifra-se numa só palavra: Abstenção, não votemos. Primeiro havia que deixar cair o velho mundo capitalista, depois lá estariam os trabalhadores com as suas energias para levantar um mundo melhor e mais justo. Por isso, se pode considerar Antero de Quental mais um reformista e menos um revolucionário. À maneira de Proudhon, o socialismo de Antero não implicava a existência de um partido proletário. Mesmo a doutrina do coletivismo de Antero não era de cariz comunista, uma vez que admitia a propriedade privada. Antero de Quental ao fazer a distinção entre dois tipos de democracias tinha esta ideia em mente (Cf. RODRIGUES, 1990, p. 57-59): a democracia histórica e a democracia filosófica ou socialista. Antero diz claramente que afirmar uma destas democracias é negar a outra, visto que

entre elas vai um abismo. A democracia histórica, que ele identifica com o passado histórico de Roma, da Idade Media, na Grécia, na China etc.,

é um resultado fatal dos interesses apaixonados dos antagonismos que fermentam em sociedades tradicionais, privadas de toda a luz da ciência e entregues exclusivamente às forças da natureza instintivas; enquanto que a democracia socialista contemporânea; democracia socialista ou filosófica "estreita" e reduz cada vez mais o círculo em que se move a democracia instintiva e das paixões. Porquê? Porque o mundo da liberdade e do espírito não se desenvolve senão à custa do mundo do espírito e da natureza (...) (RODRIGUES, 1990, p. 58)

Antero diz que com a democracia histórica ou instintiva, com o comunismo e do pior comunismo, o comunismo autoritário, o ideal e objetivo final é a guerra de classes, a luta sangrenta e onipresente, e ainda no "opúsculo" "Duas democracias", chama a atenção para o, modo disfarçante e até de embuste mais ou menos ilusório em que a democracia instintiva pode aparecer e enganar, assim o povo. Esta democracia apoiava-se na conspiração e na revolta, mira a ditadura e a concentração dos poderes, muito embora possa parecer que não, aos olhos dum povo, que, levado pelos ideais aparentemente democráticos dos revolucionários, pareçam afirmar os interesses e liberdades individual mas mais não querem que servirem-se dela para os amordaçar e aniquilar. Esta democracia tal como no-la apresenta é uma espécie da "Astúcia da razão", hegeliana, que se serve das pessoas para as levar onde ela quer ir, Antero de Quental identifica a democracia histórica, como a culpada de todas as misérias sociais. Diz mesmo que, "Todas as questões sociais, as mais graves, as mais complexas, resolve-as sumariamente com a confiscação, as distribuições de terra, as leis do *maximum*, e as regulamentações, isto é a tirania da economia: E o regime da miséria pública como instituição" (RODRIGUES, 1990, p. 58). Daqui Antero demarca-se claramente das teorias marxistas, da luta de classes, da revolução proletária, do materialismo histórica e dialéctico, e dos campos de concentração estalinista, aproximando-se muito mais das ideias do reformismo social, federalista e associacionista de Proudhon.

Antero opõe e afirma, por isso, o valor positivo e superior da máxima elevação humanista e espiritual da democracia socialista ou filosófica. Esta, diz Antero, afirma a liberdade, o respeito pelas liberdades individuais. Esta é individualista, porque defende os direitos individuais. Ainda relativamente ao Estado, segundo Antero, aquele tem que acabar à maneira das teorias marxistas, mas o Estado é visto como uma associação livre, onde reside o direito negando, por isso, o autoritarismo. A democracia filosófica afirma e pressupõe cidadãos livres, independentes,

esclarecidos, dignos e firmes e não uma plebe inconsciente, servil e cruel. Dai a importância dada por Antero a educação, como forma verdadeiramente emancipadora do homem. Victor de Sá, afirma mesmo que Antero sempre se preocupou com a educação e a importância da "demopedia" (SÁ, 1977, p.111-138), para haver um verdadeiro intervencionismo social esclarecido.

É a ilustração e o operário, (Leituras populares, sistemas das bibliotecas ambulantes), de Proudhon, que mais uma vez influencia Antero e daí a importância que Antero deu a poesia na prossecução desse objetivo e ideal social. As *Odes Modernas* tinham também esse objetivo: o de espelhar os anseios dos tristes que choram. E a este conjunto de ideais, que alguns críticos e pensadores de Antero, chamam, os ideais comunistas e mais concretamente e precisamente, o seu socialismo utópico, que exigia uma ilustração dos espíritos, um novo iluminismo esclarecido.

Antero ataca por isso a hipocrisia, a mentira e o egoísmo, sem deixar todavia de ser otimista e confiante face a vida, como se pode ver na sua poesia e na sua prosa. Foi este também um dos principais objetivos, aquando da criação das Conferencias Democráticas do Casino Lisbonense em 1871: levar o povo a participar na discussão livre e critica dos problemas que então afetavam o país. Criar uma massa critica e esclarecida, tem realmente muito a ver com a demopedia. No dizer de Victor de Sá, o método da demopedia defendia que "seria pela educação, por uma reforma interior dos indivíduos, que o povo atingiria a capacidade politica, económica e moral" (SÁ, 1977, p. 116). Este aspeto moral e sumamente importante em Antero, como se ira continuar a ver na formulação do seu socialismo moral, quando Antero dizia: "Moralidade, moralidade e sempre moralidade" (RODRIGUES, 1990, p. 147)

Continuando com a sua distinção entre as duas democracias Antero, pensa que só a democracia socialista ou filosofica é de esclarecer e formar massa critica, para permitir a realização das transformações sociais, politicas. Educacionais, e morais que o seu país precisa, em ordem ao progresso, que se identifica com a justiça e com a liberdade. E o próprio Antero que em

Socialismo e Democracia filosófica afirma a propriedade, e por isso mesmo que a afirma e que a quer universalizar e garantir; é que a quer como um direito para todos, não como privilegio para alguns. E por isso que proclama o carater sagrado do trabalho e se insurge contra a exploração do trabalhador (*Ibidem*, 1990, p. 58).

Antero de Quental afirma ainda que não é para o comunismo que a democracia filosófica aspira, mas para a justiça. O idealismo político-social de Antero situa-se antes de mais numa clara perspectiva antiburguesa e antijacovina, Ideário da Revolução Francesa: Liberdade; Igualdade;

Fraternidade. Joel Serra diz a este respeito que "se a justiça é a meta a alcançar, a liberdade é o método que sempre e em qualquer caso permitira tal percurso" (SERRÃO, 1989, p.101). Para realizar este objetivo até ao fim, implicava fazer desaparecer o mundo do instinto e da natureza, sem o que a democracia socialista ou filosófica, jamais conseguir sobrepor-se aquilo que Antero designa por democracia histórica. Esta é contrária à realização da liberdade e do progresso espiritual dos povos. Julgo, por isso, que Antero sempre foi coerente ao longo de todo o seu percurso intelectual, desde os tempos da universidade, passando pela Questão Coimbrã, que tanta celeuma deu, até a tentativa, ao que parece fracassada, da elaboração do Programa para os Trabalhos da Geração Nova, Conferências Democráticas, Tendências Gerais, isto apenas, no que diz respeito a alguns dos seus escritos em prosa. As questões da liberdade, da justiça e da educação, são problemas recorrentes e que a cada momento Antero recontextualiza, retomando velhas questões para encontrar novas respostas.

4. Liberdade e Determinismo

Nas tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX, Antero de Quental retomou de forma nova o problema da liberdade e da justiça. Independentemente das considerações que faz entre Filosofia e Ciência, há um aspeto que Antero faz realçar: 1º, o pensamento está em constante devir, 2º, tanto a ciência como a filosofia estão sujeitos a duas forças; devir e evolução. Antero diz que, a ideia de evolução é por isso chamada com razão "a grande ideia filosófica - científica do século" (QUENTAL, 1995, p. 72). Esta ideia fundamental leva Antero a afirmar a liberdade e a negar o determinismo, pois que, como diz, "a evolução constitui a lei da realidade, mas é orientada por um *telos*: a liberdade e o espírito" (*Ibidem*, p.72). Alias é este um dos aspetos que Antero mais se distancia de Hegel. Para Antero a história não trata dos fenómenos necessários e inexoráveis, mas trata de fatos humanos, que estão sujeitos à contingência e ao imprevisível. A consciência e o espírito não se podem fechar sobre si mesmo, numa totalidade: Espiritualismo e Liberdade versus Mecanicismo e determinismo, eis como Antero coloca radicalmente o problema. Antero não queria alcançar a liberdade a todo o custo. Ele queria a liberdade no sentido da autonomia do homem, em que à maneira kantiana, o homem se dá a si próprio à lei, se determina a si próprio a agir (a agir por dever é a necessidade de levar a cabo uma ação por respeito a lei). Lei essa que parte do interior do homem- unir o ser ao dever ser- é um imperativo categórico, tão importante na filosofia kantiana como na filosofia anterior. Afirmando o dever ser e a liberdade humana, Antero pretendia transformar o homem no seu

interior, tal como o próprio Antero o diz "Era o conhecimento da unidade do eu e daquele fundo sentimento da sua própria liberdade e íntima dignidade moral que, sob pena de decadência e degradação, nunca se poderá obliterar" (SERRÃO, 1989, p. 79).

Antero, foi dito anteriormente, acreditava na evolução positiva e moral do homem. O seu inicial pessimismo e ceticismo são substituídos pouco a pouco por um otimismo, por uma fé e esperança no futuro da humanidade. E a espontaneidade da consciência que confere ao homem as suas possibilidades infinitas, é em si mesma a sua essência. Por detrás da determinação, da necessidade, do mecanismo e do dualismo, Antero opõe, a liberdade, a espontaneidade infinita do homem. E a exigência de uma nova racionalidade, Tanto a nível da moral, como a nível da ciência e da filosofia que esta em causa. A liberdade e a moralidade (o bem), devem ser unas, porque uma é a razão que as sustem. Este desprendimento só é possível, quando o eu, porque é livre, renuncia definitivamente ao seu egoísmo. Antero diz mesmo que "A renúncia a todo o egoísmo é para ele o caminho direito que o leva à liberdade, à perfeição à beatitude" é "O justo, na sua união perfeita com o ser perfeito, à beatitude" (QUENTAL, 1995, p. 118), à Santidade.

Antero, no seu Programa da União, que aliás se julgava perdido, é bem claro quanto aos seus propósitos sociais, diz ele,

A união aspira a constituir, no terreno da razão e da justiça em que levanta o seu programa, um partido em que as classes rivais e os interesses antagónicos da sociedade actual possam dar-se as mãos, n' um comum propósito de conciliar, liberdade e reforma progressiva para realizar a harmonia de todos os interesses, racionalmente definidos e justamente equilibrados e a conversão gradual das antigas classes n'uma nova sociedade, composta só de trabalhadores livres e iguais (SILVA, 1996, p. 57).

Antero pretende, mais uma vez, elaborar um programa de organização política que, no dizer de Joel Serrão, é "de cariz claramente social-democrata" (SERRÃO, 1989, p. 30). Numa carta a Oliveira Martins, de 1873, Antero diz que,

A minha ideia é que acentuando bem o nosso carácter racionalista, democrático e socialista, o Programa serve todas as questões meramente teóricas, desde a da existência de Deus até as da propriedade ou coletivismo, e só define bem o que é prática e orgânico e constitui o novo movimento real e actual da democracia socialista (SERRÃO, 1989, p. 29).

Antero de Quental quer por isso delimitar a problemática da sua abordagem socio-política,

sem contudo excluir a perspectiva metafísica, ou mesmo transcendente. Aliás, problemáticas essas que Antero não só não abandona, como constituiu o pano de fundo de todo o seu pensar e existir. Lúcio Craveiro da Silva, diz mesmo que “a questão do Deus — Homem, dogma fundamental do Cristianismo, não pode em consequência, parecer contradição tão deplorável e impossível a quem filosofa como Antero” (SILVA, 1959, p. 146). Antero pretende, portanto, nesse programa, "descobrir a verdade, determinar a justiça e praticar a lei moral” (*Ibidem*, p. 48). Garantir as liberdades individuais, garantir e desenvolver a instrução pública, reformar a administração pública, e criar mecanismos de transparência e moralização do Estado, é o objetivo último do intervencionismo anteriano na sociedade portuguesa.

É todo este sistema filosófico, ou pensamento mais sistemático e concatenado, como dizia Antero, que em carta a Wilhelm Storck (1887), chama de «A minha filosofia»

No opúsculo *As causas da decadência dos Povos Peninsulares*, 1871, Antero mostrou a sua apetência para intervir, mesmo correndo riscos, na sociedade portuguesa, não só apontando aspetos, políticos, económicos e religiosos, como sendo as causas da decadência dos Povos Peninsulares, tendo como pano de fundo a desorganização social que então se vivia em Portugal: a falta de liberdade, justiça e educação, que reinava nas massas populares, e simultaneamente a necessidade de transformar no seu interior a sociedade, sem o qual os Povos peninsulares e concretamente, Portugal, continuariam fatalmente a perder prestígio, poder e intervenção na cena mundial. Antero propõe, por isso, a implementação de um sistema democrático livre (Federação republicana) e (Vida municipal), que segundo ele diz, "só ela é a base e o instrumento natural de todas as reformas práticas populares, niveladoras” (QUENTAL, 1979, p. 58). Antero dizia que para nos regenerarmos temos que abraçar francamente o socialismo democrático, o que implicava reformas muito concretas e urgentes. Dizia Antero que tem que haver revolução para que haja transformação mas, também diz que "Revolução não quer dizer guerra, mas sim paz, não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade” (*Ibidem*, p. 58). Antero de Quental, não pretende por isso, apelar a insurreição anarquista, mas sim preveni-la, para que não seja tarde de mais e aí sim, viria o lançar das armas nas ruas, a insurreição, a anarquia e por fim a ditadura. Ditadura e guerra que Antero não só não deseja como a combate pela raiz, visto que a paz é para ele o verbo humano por excelência.

5. Considerações finais

Joel Serrão, nas considerações que faz acerca de Antero de Quental, pensa que este, lançou e renovou as sementes do republicanismo, da democracia e do socialismo em Portugal. O que

Antero pretendeu realizar foi uma nova concepção de liberdade, mais em sintonia com os ideais da Revolução Francesa de 1789, e que já há muito tempo, grande parte da Europa comungava. A reivindicação da liberdade e das liberdades que conduz naturalmente a democracia, era no dizer de Joel Serrão, o aspeto mais significativo do pensamento político de Antero de Quental. Não só a realização da democracia como ideal, mas sobretudo a realização da democracia pratica, de cariz social e socializante, fundada na justiça social. Foi esta o projeto de sociedade que Antero de Quental deixou como pano de fundo para as gerações futuras, e que nem sempre souberam ou não quiseram seguir ou interpretar devidamente, com a instauração do Estado Novo em Portugal quase três décadas depois da morte de Antero.

Pensa Antero e seus seguidores, que a política não vive de si nem para si. Quando isto acontece não é pensamento político que se trata, mas de agitação de superfície, mais ou menos norteados por afectos, tantas vezes nobres, mas não menos vezes cegos ou pouco esclarecidos. Joel Serrão ao interpretar o pensamento política e social de Antero, diz claramente que não crê que a institucionalização da liberdade seja panaceia para todos os males, mas não crê também que sem ela haja soluções de préstimos. Por isso a instauração de um regime de autêntica justiça social, não é fácil, mas sem ela a liberdade alcançada por dado individuo não se completa e se realiza condignamente.

O ideal de Antero, foi o de criar uma sociedade onde todos os indivíduos tivessem iguais oportunidades de realização pessoal. O próprio ideal do liberalismo aponta, não para uma sociedade de iguais, mas para uma sociedade em que a desigualdade natural dos homens nem tolha o caminho dos melhores, nem impeça que o número dos melhores seja cada vez maior. A experiencia da liberdade conquistada, em liberdade individual, torna-se um enriquecimento interior da própria pessoa, tal como Antero desejava, em que o individuo assim afeiçoado não possa nem deva desejar ao seu semelhante maior bem do que a possibilidade de idêntica via de enriquecimento moral e mental.

Consequentemente, Antero julga que os ideais proudhianos de socialismo são os que mais se adequam à realização de uma sociedade mais justa, dizendo mesmo que o socialismo é paz porque é justiça. E no dizer de Joel Serão este é o alvo principal do programa social e político de Antero: justiça social e construir o edifício da igualdade e da justiça. Joel Serrão diz que esta justiça, não é só para o oprimido (o povo trabalhador). A regeneração é para todos e não o domínio de uma classe sobre as outras. O projeto de Antero é, ainda, segundo Joel Serrão, constituir uma sociedade sem privilégios, mas onde todos tenham acesso à propriedade, ao crédito e a ciência. A única coisa que Antero rejeita

é uma sociedade de parasitas, de privilégios e de injustiças.

Referências:

- AA.VV. *Antero de Quental (1842-1891)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991.
- AA.VV. *Congresso Anteriano Internacional – Atas*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1993.
- AA.VV. *VII Colóquio Antero de Quental, Pensamento, experiência e Formas Políticas em Portugal e no Brasil (séculos XIX-XX), Atas*. São João del-Rei, MG, Brasil, 2007.
- CARNEIRO, José Bruno. *Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia*. 2 ed. v. II. Braga: Livraria Editora Pax, 1981.
- QUENTAL, Antero de. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, Coleção, "Oitocentos anos de história"*. Lisboa: Ulmeiro - Livraria e Distribuição, 1982.
- _____. *Odes Modernas*. Lisboa: Ulmeiro-Livraria e distribuição, 1983.
- _____. *Filosofia, Obras Completas*, Ponta Delgada: Editorial Comunicação, 1991.
- _____. *Tendências Gerais Da Filosofia na Segunda Metade do Seculo XIX*. Editorial Presença, Lda., 1995.
- _____. *Sonetos Completos*, Coleção "Livros de Bolso Europa América".
- LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e Metafísica, Camões, Antero e Pessoa*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- _____. *A Noite Intacta, (I) recuperável Antero. Vila do Conde: Centro de Estudos Anterianos*, 2000.
- ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro. Proudhon e o socialismo anteriano. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga, Tomo XLVII, n. 2, 1991.
- RODRIGUES, Ana Maria Moog. *Antero de Quental*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990.
- SÁ, Victor de. *Antero de Quental*. 2 ed. Porto, 1977.
- _____. *Antero de Quental*. Braga: Edição do autor, 1963.
- SERRÃO, Joel. *Antero e a Ruína do seu Programa, (1871-1875)*. Livros Horizonte, 1977.
- _____. *Temas de Cultura Portuguesa - II, "Içar as Velas e Soltar os Ventos"*. Livros Horizonte, 1989.
- SILVA, Lúcio Craveiro. *Antero de Quental, Evolução do seu Pensamento Filosófico*. Braga: Livraria Cruz, 1959.
- _____. *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 1996.

The Political and Social Thought of Antero de Quental from the reading of Joel Serrão

Abstract: The main goal of this paper is to question some aspects of the philosophical, political and social thought of Antero de Quental having as starting point the perspective that Joel Serrão has on this fundamental problem of the author. When analyzing the political and social philosophy of Antero de Quental, we have to take into account the historical and cultural context in which he lived. That context marked, indelibly, his way of thinking and feeling all the social and political questions that underlie all his thought.

Keywords: Politics, Social Revolution, Freedom, Justice.

Data de registro: 10/02/2014

Data de aceite: 22/05/2014